

## As continuidades no vestir na história da modelagem do vestuário *The continuities in dressing in the history of pattern clothing*

Andressa S. Alves, José L. F. Aymone

modelagem, história do vestuário, design de moda

Este artigo discute as mudanças que têm ocorrido nas modelagens de algumas peças do vestuário ao longo da história. Os artigos do vestuário são o principal meio de expressão do fenômeno moda. Porém, as modificações na modelagem das roupas não apresentam o mesmo ritmo de mudança proposto pelas tendências de moda. Para identificar essas modificações, foi feita uma análise diacrônica através de pesquisa bibliográfica em livros de história do vestuário, assim como em outros relacionados ao campo do design e da história da evolução do homem. Pode-se perceber que a indumentária é uma construção cultural do homem e que as tendências de moda resultam em sutis modificações, enquanto que as grandes diferenças na modelagem ocorrem de modo gradual, sendo absorvidas aos poucos.

*pattern making, history of clothing, fashion design*

*This article discusses the changes that have occurred in clothing pattern making throughout history. The clothing pieces are the main way of expressing the fashion phenomenon. However, changes in clothing pattern making do not occur with the same speed of changes proposed by fashion trends. To identify these changes, a diachronic analysis was performed based on books of clothing history, as well as others books related to the field of design and history of the man evolution. One can see that the clothing is a cultural construct of man and fashion trends result in subtle changes, while large differences in modeling occur and are absorbed gradually.*

### 1 Introdução

A história do vestuário apresenta diferentes desdobramentos, como a história da modelagem, história dos aviamentos, história dos penteados, entre outros. Apesar da história da modelagem ter um papel fundamental na história do vestuário, ela ainda não se constitui como disciplina e não é possível encontrar bibliografias que abordem de modo exclusivo esse tema. Atualmente, as abordagens relacionadas à história da modelagem do vestuário têm cumprido um papel predominantemente informacional e de pouca investigação teórica.

Por meio da análise da história da modelagem é possível verificar modificações que surgiram nos formatos dos moldes para que a roupa se adaptasse melhor ao corpo e a moda da época, também é possível observar a evolução nas técnicas de construção das roupas ao longo dos séculos. Através da história, pode-se perceber que as modificações ocorrem gradualmente de um modo de vestir para outro. As possibilidades são exploradas e muitas vezes parecem chegar ao limite extremo, para depois novamente retroceder. Na maioria das vezes, surge assim um novo estilo ou técnica, para que posteriormente todo o processo possa voltar a repetir.

A importância do conhecimento da história não está restrita apenas à compreensão do que aconteceu, mas é fundamental para um melhor entendimento da época atual. O trecho '[...] até

Anais do  
6<sup>o</sup> Congresso Internacional de Design da Informação  
5<sup>o</sup> InfoDesign Brasil  
6<sup>o</sup> Congic  
Solange G. Coutinho, Monica Moura (orgs.)  
Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI  
Recife | Brasil | 2013

Proceedings of the  
6<sup>th</sup> Information Design International Conference  
5<sup>th</sup> InfoDesign Brazil  
6<sup>th</sup> Congic  
Solange G. Coutinho, Monica Moura (orgs.)  
Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI  
Recife | Brasil | 2013

onde aquele que conhece apenas sua própria época pode compreendê-la', do livro de Edward Burnett Tylor exemplifica esse pensamento (TYLOR, 1920).

A frase de Edward Burnett Tylor contribui para o objetivo do presente artigo, que não tem a pretensão de ser um resumo estilístico da história do vestuário. Pretende-se, ao longo de três seções, fazer apontamentos sobre as mudanças que ocorreram nas modelagens de algumas peças do vestuário. Esses apontamentos são feitos a partir de possíveis divisões que podem ser feitas ao longo da história do vestuário.

A estrutura deste artigo foi influenciada pelos questionamentos do primeiro capítulo do livro *A Roupas e a Moda*, de James Laver (LAVÉ, 1989). A primeira parte aborda os conceitos de primitivo e novo. A segunda seção trata sobre a evolução da modelagem da calça e o seu papel nas diferenças de gênero na história do vestuário. A terceira seção apresenta alguns apontamentos sobre as relações que se estabeleceram entre os aviamentos e as roupas.

## 2 O Primitivo e o Novo

Frequentemente ocorre a associação do vestuário de um determinado período aos termos *primitivo*, *antigo*, *velho* ou aos termos *novo*, *atual*. Através da observação da história da modelagem, quanto se pode afirmar que uma forma está distante de outra? Quantas modificações ocorreram no vestuário ao longo dos séculos?

A Figura 1 apresenta a Deusa das Serpentes Cretense. Os cretenses viveram uma era de grande desenvolvimento, correspondente aproximadamente ao período de 2000 até 1500 a.C. A indumentária desse período, principalmente os trajes femininos, exibia mulheres com saias de uma construção impressionante e demonstram que essa civilização possuía um conhecimento desenvolvido da técnica de confecção de roupas. As saias, como a mostrada na Figura 1, eram feitas em camadas separadas por faixas de requintados ornamentos. Também já existiam babados (*volants*), que podem ser definidos como tiras estreitas de tecido decorado que se projetam umas sobre as outras. Pela aparência dos babados da Figura 1, acredita-se que as linhas perpendiculares correspondiam a um tecido plissado (KÖHLER, 2009).

Já se propôs a hipótese de que a peça fosse construída através de várias saias semelhantes a aventais e presas uma por cima da outra. Outra possibilidade é que a peça fosse constituída por várias saias de diferentes tamanhos em formato de sino e confeccionada em tecido elástico, já fabricado ou cortado em forma circular (KÖHLER, 2009).

Figura 1: Deusa das Serpentes Cretense (usado com permissão de Patrícia de Camargo).



A Figura 2 mostra o desenho de observação de um vestido de noiva da empresa chinesa [Xiamen XDZ Clothing Accessory Company Ltd.](#) do século XXI. O vestido de noiva apresenta uma saia com camadas de babados plissados com detalhes em renda na barra de cada babado.

Figura 02: Vestido de noiva



O modo mais empregado atualmente para a construção da modelagem da saia do vestido da Figura 2 é o desenvolvimento de circunferências concêntricas de diferentes dimensões com furos no centro e uma saia que serve de base. As circunferências, no caso do vestido da Figura 2, seriam na quantidade de seis e aplicadas a uma saia, provavelmente um modelo evasê.

Através da observação da Figura 1 e da Figura 2, pode-se perguntar o quão distante encontram-se essas duas formas do vestuário, e particularmente as diferenças na modelagem das saias. Pode-se afirmar, pelo menos em relação ao tempo cronológico, que a produção de uma está distante da outra em aproximadamente 3.500 anos. Porém, caso fosse analisada apenas a modelagem e o formato da saia, que afirmação poderia ser feita? O quanto as formas realmente mudam ao longo do tempo?

Muito mais citada atualmente do que a civilização cretense, e que perdurou até 146 a.C.<sup>1</sup>, a civilização grega e referências a sua indumentária são frequentes nos dias atuais.

A reportagem *Gaultier veste o verão inspirado na Grécia*, de Presse (2006) do Jornal Folha de São Paulo traz o seguinte trecho 'O estilista francês Jean-Paul Gaultier propôs para a temporada primavera-verão uma coleção de inspiração grega, com vestidos suntuosos de musseline e organdi [...]'.<sup>1</sup>

Outro exemplo, da década de 1930, é da estilista Madame Grès. Em meados dos anos de 1930, Madame Grès ficou conhecida por extravagantes vestidos, desenvolvidos com tecido de seda e no estilo grego clássico e com poucas costuras visíveis. A Figura 3 apresenta um exemplo desse estilo adotado por Madame Grès, o vestido feito para a atriz Danièle Delorme, em 1944, para seu papel na obra *Antígona*, de Jean Anouilh (FUKAI *et al.*, 2003).

Figura 3: Vestido de Madame Grès (usado com a permissão da Editora Taschen).



<sup>1</sup>A partir do ano de 146 a.C. a civilização grega foi dominada por diversos povos, porém ela continuou existindo como civilização, inclusive influenciando outras civilizações; devido ao fato de sua cultura não ter sido extinta.

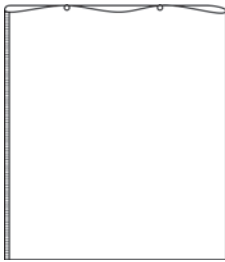
Apesar de a Figura 3 mostrar um vestido de inspiração grega não se deve cometer o equívoco de acreditar que as roupas dos gregos eram iguais a esta. A indumentária grega consistia em três peças principais: uma túnica de linho (o quitão), uma sobreveste de lã (o peplo), utilizada apenas pelas mulheres e uma capa de lã (a clâmide). As diferentes formas de amarrar os cintos e drapear os tecidos foram fundamentais para o desenvolvimento de um número considerável de estilos desenvolvidos a partir das três peças principais (KÖHLER, 2009).

A indumentária grega não se constituiu imutável ao longo dos séculos; havia diferenças entre os períodos, entre os povos jônico e dórico, entre algumas das roupas utilizadas pelos homens e pelas mulheres e para distintas atividades de uso.

O quitão dos séculos V e IV a.C. consistia em duas peças retangulares, com o comprimento e a largura equivalentes à altura da pessoa (quitão largo) ou com largura correspondente à distância entre um cotovelo e outro (o quitão estreito). A lateral podia ser toda costurada ou somente os dois terços inferiores. Na parte superior, costurava-se ou prendia-se um terço de tecido em cada extremidade, deixando o espaço da parte central para o pescoço e a cabeça e as partes externas para os braços, ou costurava-se um terço de cada extremidade deixando o espaço central para a cabeça e os laterais para os braços (KÖHLER, 2009).

A Figura 4 mostra o desenho de um modelo de quitão. O molde do quitão corresponde a uma forma geométrica simples, o retângulo, variando nas proporções entre comprimento e largura.

Figura 4: Molde do quitão grego



Comparando as imagens da Figura 3 e da Figura 4, pode-se perceber que as características em comum das imagens são o efeito drapeado com conseqüentemente grande quantidade de tecido utilizado. A modelagem em formato retangular do quitão não se assemelha com a do vestido de Madame Grès, com exceção apenas do aspecto de ampla utilização de tecido.

Apesar das frequentes associações entre a indumentária grega e o vestuário atual consistirem predominantemente na questão do drapeado, é possível observar em outras peças, também utilizadas atualmente, modelagens iguais às retangulares do quitão. A Figura 5 apresenta o desenho de uma bata indiana utilizada com frequência por mulheres no século XXI.

Figura 5: Bata indiana



A bata indiana consiste basicamente em um retângulo. O que a difere do quitão grego, em termos de modelagem, é o decote em formato 'V', e as proporções nas medidas de

comprimento e largura do retângulo. Apesar de ter-se passado mais de 2.000 anos entre a civilização atual e a civilização grega, por que se mantém um formato tão semelhante de modelagem no vestuário? Com o aprimoramento da tecnologia têxtil, da modelagem tridimensional, da ergonomia, e de peças do vestuário que utilizam os mais variados recursos para que as peças se adaptem ao corpo humano e proporcionem conforto, por que ainda se utiliza uma modelagem com formato tão simples?

Para a civilização grega, o corte do tecido em formato retangular e o efeito drapeado que criava quando vestido e amarrado com cinto eram consideradas marca de civilização. Em princípio pode-se considerar de modo equivocado que as roupas possuíssem uma modelagem mais simples porque os povos da antiguidade não sabiam fazer peças justas ao corpo. Na verdade, as vestimentas com modelagens que seguiam as formas do corpo eram consideradas bárbaras e primitivas pela maioria dos povos da antiguidade. O desprezo pelas formas justas era tanto que os romanos, em determinado momento, condenavam à morte quem as utilizasse (LAVÉ, 1989).

Por um lado, é inegável que as técnicas de modelagem evoluíram ao longo dos séculos. Mas, por outro lado, formas utilizadas há mais de 3.500 anos continuam presentes nos dias atuais e o mais impressionante com anúncios publicitários que evocam o *novo*.

Rafael Cardoso (2012) defende que na moda o retrô é um fenômeno incontornável. Quanto mais as linhas estilísticas de roupas de outras épocas são revividas, mais os períodos e os estilos se confundem. O autor denomina a época em que vivemos de 'tempo em suspensão', em que todos os períodos anteriores atuam em simultaneidade com o contemporâneo.

### 3 Calças - O Masculino e o Feminino

As roupas dos homens e das mulheres, em muitas civilizações e em alguns períodos da história, não apresentavam diferenças. Porém, a partir do momento em que as roupas começaram a distinguir-se, puderam ser traçadas duas linhas distintas de desenvolvimento do vestuário: a vestimenta masculina e a feminina. A primeira vestiu-se predominantemente com calças e a segunda com saias. É importante destacar que essa não é uma regra rígida; os homens nem sempre usaram roupas que se assemelhavam a calças e as mulheres não. Na indumentária egípcia, era comum a utilização de uma espécie de saia justa, de uma peça só, e presa por um cinto. Também foi adotada a utilização do *Kalasis*, uma túnica longa usada por ambos os sexos. O traje mais primitivo dos hebreus também consistia em uma espécie de saia e uma capa. Atualmente, ainda temos exemplos de homens que usam saias, como os escoceses (LAVÉ, 1989; KÖHLER, 2009).

De forma surpreendente, outro item predominantemente associado à indumentária feminina também foi incorporado ao guarda-roupa masculino. O espartilho já foi usado não só para afinar a cintura de mulheres, mas também a de homens. A partir de 1819, as roupas dos dândis começaram a apresentar todo tipo de extravagância, entre elas pode-se destacar a utilização do espartilho. A obra *Monstruosidades*, de 1822, de George Cruikshank, mostra dândis com a cintura extremamente fina (LAVÉ, 1989).

Apesar de não existir uma divisão rígida entre o vestuário masculino e o feminino, e de ocorrerem interessantes surpresas ao passo em que se conhece a história do vestuário, uma associação frequente que ocorre, como citada anteriormente, é entre saias e o gênero feminino, assim como entre calças e o gênero masculino. As expressões coloquiais em inglês *Wear the pants* ou *She wears the pants in the Family* são utilizadas para mostrar quem manda através da associação da calça ao gênero masculino e ao poder.

As calças são peças do vestuário existentes há muitos séculos e é interessante perceber como se modificaram em alguns aspectos e se mantiveram inalteradas em outros, ao longo da história. Nos últimos dez séculos, a indumentária masculina para a parte inferior do corpo foi composta predominantemente por meias, calções e calças. Para compreender a evolução das calças ao longo da história é impossível dissociá-la das meias e calções.

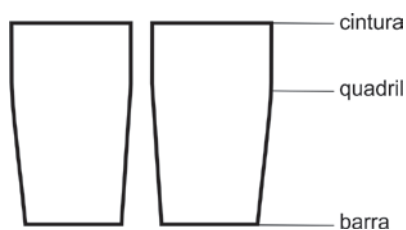
As calças não eram o traje mais comum na antiguidade. Os medas e persas usavam meias ou calções, roupas distintas de outros povos desse período. O traje dos citas, sármatas e dácios também eram compostos por calças bem largas feitas de couro curtido e costuradas

com estreitas tiras de couro. Essas calças eram presas à cintura através de um cinto. O traje desses povos revelava muitos pontos em comum com os trajes teutônicos dos tempos primitivos e pré-históricos. Calções encontrados na turfa de Marx-Etzel do período teutônico apresentavam, na parte superior, passantes para segurar o cinto (KÖHLER, 2009).

A Figura 6 mostra a modelagem das calças de povos da antiguidade. As calças eram feitas de duas peças de tecido (uma para cada perna). Cada peça era costurada através da união do comprimento em quase toda a sua extensão. A parte superior, que não tinha sido costurada, era unida à outra peça. A junção das duas partes era feita no local que passa pelo meio das pernas, fechando a parte da frente e de trás. A junção das peças era muito semelhante à que ocorre atualmente. A largura extra na parte superior era distribuída ao redor da cintura no momento de vestir a calça, que era presa por um cinto (KÖHLER, 2009).

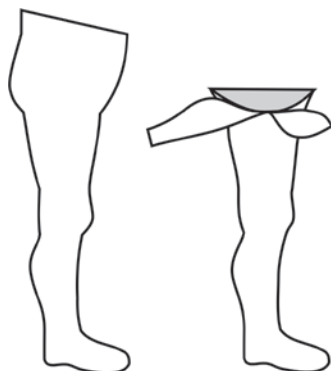
Destaca-se na imagem desse molde a falta de gancho no entrepernas, a largura para o quadril igual à da cintura e o afunilamento na região dos tornozelos. O molde apresenta uma grande largura na parte da cintura, em torno de 120 centímetros, que provavelmente compensava a falta da forma anatômica do corpo no molde.

Figura 6: Moldes de calça da antiguidade



Um grande aprimoramento para o traje das pernas ocorreu na indumentária masculina do século XIII. A partir do século XIII e ao longo dos séculos XIV e XV, as meias foram amplamente utilizadas. Diferentemente do modo como as conhecemos hoje, as meias dessa época cobriam a perna toda e a parte inferior do tronco (fig. 7) e eram presas a um cinto que ficava por baixo do casaco. Para facilitar o livre movimento dos membros foram empregados tecidos elásticos na confecção das meias. Para as meias de tecidos menos elásticos foi acrescentada uma ampla nesga aos fundilhos da meia. O tecido era cortado no formato exato de uma perna e geralmente costurado na parte de trás e da frente. Apesar da inserção da nesga aos fundilhos e das costuras que moldavam o tecido ao contorno da perna, os movimentos das pernas eram muito restritos. Na parte da frente, o fechamento era feito através de uma lapela bojuda (KÖHLER, 2009).

Figura 7: Molde de meia da segunda metade do século XV. Metade externa e metade interna.



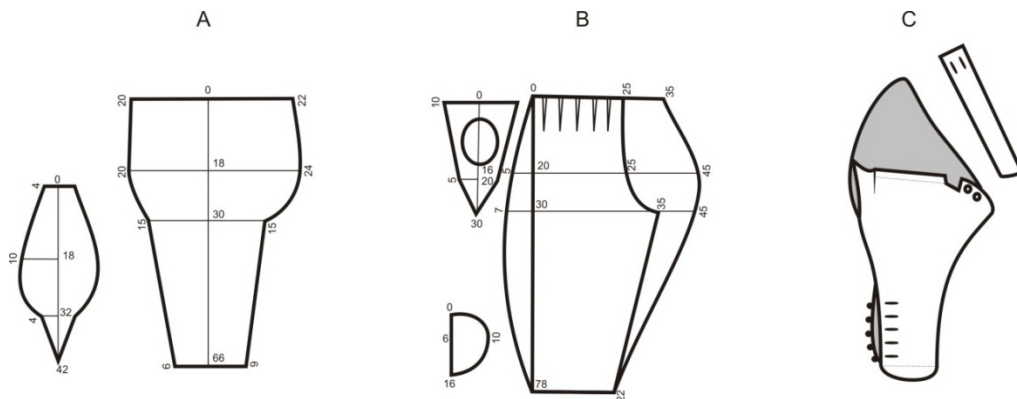
Durante o período da Idade Média, as meias eram itens exclusivos da indumentária masculina. Somente quando as meias tricotadas, não mais incômodas, tornaram-se de uso comum entre os homens, no século XVI, surgiram como uma peça de vestuário nova na indumentária feminina. Anteriormente, as mulheres usavam as meias feitas de tecido comum apenas para diminuir o incômodo causado pelos sapatos (KÖHLER, 2009).

As meias que as mulheres começaram a utilizar a partir do século XVI foram por alguns séculos o mais próximo que chegaram da utilização de calças. Em 1851, Mrs. Bloomer foi à Europa tentar convencer as mulheres a utilizarem um novo traje proposto por ela. Esse traje consistia em uma versão mais simples do corpete, uma saia com comprimento abaixo dos joelhos e, sob a saia, calça larga até o tornozelo com um babado de renda na barra. O fato de o traje proposto por Mrs. Bloomer conter calça foi considerado pelos homens desse período um ataque a sua posição privilegiada. Após quase 50 anos, as calças *bloomers* foram adotadas pelas mulheres para a prática do ciclismo (LAVER, 1989).

No mesmo período em que Mrs. Bloomer tentou inserir um novo modo de vestir, houve grandes alterações nos trajes masculinos para as pernas. Os calções e as longas meias usados ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII foram sendo substituídos por calças que chegavam aos tornozelos e cobriam a parte superior das botas.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII, houve mudanças significativas em relação à modelagem das calças. A Figura 8 apresenta três exemplos. O primeiro (A) é um calção espanhol do início do século XVI. Através da modelagem, podemos observar que há nesse momento uma preocupação com o fechamento da peça na parte frontal, surge assim a lapela protuberante (também conhecida como *codpiece*). Há nesse modelo uma curva para acomodar a barriga e outra para as nádegas. O segundo exemplo (B) também é de um calção espanhol do século XVI. A parte interna corresponde ao forro e a parte externa à parte de fora do calção. Três aspectos interessantes aparecem nesse modelo, o desenho do gancho, pences na cintura e o modelo bufante. O terceiro exemplo (C) é um calção francês do século XVIII. Esse modelo apresenta a largura necessária para as nádegas pelo alongamento da parte de trás, que ficava mais alta e a abertura dianteira fechada com abotoamento.

Figura 8: A) Calção espanhol do início do século XVI. B) Calção espanhol de corte amplo. C) Calção francês do século XVIII (usado com a permissão da Editora WMF Martins Fontes).



No século XVII na França, os calções chegaram a se tornar tão largos que precisavam ser franzidos na cintura, o que fazia com que eles se assemelhassem a uma saia curta. Essa largura excessiva transformou o calção em uma saia ampla, que ia dos quadris até um pouco abaixo dos joelhos. Para complementar o traje, a cintura era enfeitada com laços de fita (KÖHLER, 2009).

Grandes extravagâncias ocorreram nos séculos XVI, XVII e XVIII para os calções, como os golpeados, as lapelas protuberantes, as peças bufantes, quantidades inimagináveis de tecido, formas de prender a cintura dos calções ao corpo e enchimentos. Esses exageros parecem ter permitido aos homens desses períodos explorarem as formas dos calções e adquirir o conhecimento necessário para que as peças fossem aos poucos se adaptando melhor à anatomia do corpo.

Podemos observar que características atuais da modelagem de uma calça foram sendo desenvolvidas aos poucos através da história do vestuário. Os passantes, o afunilamento da perna, a braguilha, o gancho e a altura maior na parte do centro das calças contribuíram para que no século XIX as calças se tornassem mais confortáveis. As calças do século XIX apresentam uma modelagem muito semelhante ao que se desenvolve atualmente.

Segundo Paim (2000), no final do século XIX e início do século XX, o formato das calças, principalmente as desenvolvidas pelos alfaiates ingleses, chegaram ao máximo da elegância e sobriedade. Adolf Loos chegou a utilizar o vestuário masculino como exemplo para definir os princípios da arquitetura moderna 'É preciso que as casas modernas estejam de acordo com nossas roupas' (LOOS, 1994 *apud* PAIM, 2000). Adolf Loos ressalta o corte impecável das roupas e como o mesmo corte acentuava a qualidade do material utilizado.

#### 4 Modelagem – Aviamentos e Acessórios

Desde o início da utilização de roupas pelo homem, este empregou aviamentos para poder unir, abrir, fechar, assim como para poder segurar partes da peça em determinados locais do corpo. Ao longo da história do vestuário pode-se observar como a invenção dos aviamentos (como, agulha, linha, botão, fivela, cordão, colchete, zíper e velcro) modificou consideravelmente as relações existentes entre o tecido, a modelagem e o corpo.

Há cerca de um milhão de anos, o homem fez transformações qualitativas em suas ferramentas. Provavelmente, isso aponta um aprimoramento biológico da mão e das estruturas nervosas que controlam o uso da mão nesse período (BRONOWSKI, 1992). Como possível consequência do refinamento biológico da mão, grandes quantidades de agulhas manuais, feitas de marfim de mamute, de ossos de rena e de presas de leão-marinho foram encontradas em cavernas paleolíticas, onde foram depositadas há 40 mil anos.<sup>2</sup> Algumas são bem pequenas e primorosamente trabalhadas (LAVER, 1989).

A invenção da agulha manual permitiu que o homem melhorasse a sua proteção através da utilização do couro e deixasse de usar o couro e as peles apenas jogados por cima do corpo. Não é possível dizer a partir de qual momento exato na história da humanidade ocorreu ao homem a ideia de se cobrir com pele e porquê. O frio pode ser uma das razões, mas outras possibilidades também são admitidas. A pele de um animal simplesmente colocada nos ombros não só atrapalhava os movimentos como deixava exposta parte do corpo. Com a agulha foi possível unir diferentes partes de couro e produzir uma peça do vestuário rudimentar, porém suficientemente moldada e que protegeu o homem do frio. Com o homem pré-histórico surgiram os primórdios da modelagem tridimensional (LAVER, 1989; TOUSSAINT-SAMAT, 1990).

A invenção da agulha foi uma entre diversas outras invenções que permitiram que o homem transformasse o meio e suas condições de sobrevivência. A sequência de invenções que ocorrem de tempos em tempos, em que o homem adapta-se ao seu habitat, pode ser definida como um tipo diferente de evolução, não mais biológica, mas sim cultural (BRONOWSKI, 1992).

Como parte importante da evolução cultural e material do homem encontram-se as roupas e seus aviamentos. Botões foram utilizados nos punhos das mangas, a partir do século XIII, para que as mangas ficassem mais justas. Em alguns períodos os botões chegaram a ir do punho até o cotovelo, modelando melhor a manga ao braço. No século XVII, o punho do *Just au corps* masculino era fechado com botões, os quais foram mantidos mesmo quando já não possuíam a função original. A consequência atual desse emprego está nos botões que se mantiveram presentes nas mangas do blazer apenas como ornamentos. As roupas femininas dos séculos XIV e XV eram abotoadas ou fechadas por cordões dos lados. Os botões também serviram na indumentária feminina do século XV para ligarem as mangas ao vestido, e a pequena distância que ficavam entre um e outro revelavam o tecido delicado da parte de baixo da vestimenta (KÖHLER, 2009; LAVER, 1989).

A partir do século XV, a roupa de baixo da indumentária feminina tinha recortes em formato de bojos que sustentavam os seios. No século XVI, o uso de colchetes já era comum para fechar o corpete, assim como botões e cordões. Também no século XVI, só que na indumentária masculina, os cadarços eram utilizados para prender os calções ao gibão. No século XVII, as golas eram enrijecidas com arame para que ficassem erguidas em toda volta do

<sup>2</sup> Segundo Laver (1989) as agulhas já existiam há 40 mil anos. Segundo Toussaint-Samat (1990) a invenção da agulha data de 20 mil anos antes de nossa era. Toussaint-Samat (1990) cita que mesmo antes da invenção da agulha, já se utilizavam ossos pontiagudos e finos, espinhas de peixe, pedaços de madeira, com a mesma função de uma agulha, unir duas partes de pele.



pesçoço. No século XVIII, introduziram-se barbatanas nas abas dos casacos masculinos com o objetivo de esticá-las. As ‘mangas presunto’, por exemplo, características do começo de 1830, conservavam a sua largura total devido a armações de vime ou almofadas de penas (KÖHLER, 2009; LAVER, 1989).

Se, por um lado, os aviamentos serviram para unir, ajustar e prender a roupa ao corpo, por outro lado o homem optou por utilizar ombreiras, tecidos acolchoados, enchimentos, arames, barbatanas, anáguas e anquinhas para modificar o formato do corpo.

O vestido da Figura 9 foi criado por Rei Kawakubo para a marca Commedes Garçons em 1997. O vestido possui almofadas interiores que criam montes irregulares na superfície do tecido. A forma do corpo é visivelmente alterada pela roupa. Essa alteração do formato da roupa tinha como objetivo modificar as ideias que as pessoas tinham a respeito do vestir. A moda do século XX descobriu o corpo, porém a roupa parecia adaptar-se à forma desse. Kawakubo tentou libertar a indumentária de sua escravidão ao formato do corpo (FUKAI *et al.*, 2003).

Figura 9: Vestido de Rei Kawakubo (usado com a permissão da Editora Taschen).



O espartilho foi um item do vestuário utilizado para moldar a cintura. Era confeccionado com inúmeras barbatanas e tecidos firmes e utilizado muitas vezes com anquinhas e anáguas para fazer a cintura das mulheres parecer menor. O espartilho, as anquinhas e as anáguas, de certa forma, faziam o mesmo papel das almofadas de Kawakubo: transformavam a aparência do corpo pela roupa. Ou, segundo Kawakubo, não escravizavam a roupa ao formato do corpo. A crítica de Kawakubo ainda mantém-se atual. Mas, se por um lado não existem mais espartilhos para afinar a cintura das mulheres, por outro as cirurgias de lipoaspiração são cada vez mais requisitadas.

A Figura 10 mostra dois espartilhos femininos e um infantil do período de 1785 a 1790. Para a colocação do espartilho infantil era comum a mãe deitar a sua filha de bruços no chão, e pisar nas suas costas para puxar os cordões do espartilho com o objetivo que ele ficasse o mais justo possível. Provavelmente se essa parte da história do vestuário fosse contada a uma mulher submetida a uma cirurgia de lipoaspiração causaria no mínimo um estranhamento. Mas o quanto se encontram distantes os artifícios atuais dos praticados em outros períodos da história?

Figura 10: Modelos de espartilhos adulto e infantil (usado com a permissão da Editora Taschen).



Pode parecer em um primeiro momento que as mulheres submeteram-se de forma mais ampla a esses artifícios, porém não é verdade. O corpete surge como uma versão feminina do gibão (também conhecido como *porpuoint*). Em 1650, o corpete era enrijecido com barbatanas e assemelhava-se muito ao gibão masculino. O gibão, durante longos períodos, foi todo preenchido com enchimento que aumentava a estrutura do corpo do homem e limitava os movimentos. Além do gibão, os homens também utilizaram durante muito tempo os calções acolchoados com estopa, farelos, pelo de bezerro, penugem de cisne e feno.

## Considerações Finais

Através da história do vestuário, pode-se perceber que a indumentária é uma construção cultural do homem. Na introdução deste artigo, foi citado que as mudanças no vestir ocorrem de modo gradual, sendo absorvidas aos poucos. Tratando-se de itens do vestuário, em que o fenômeno social da moda atua de modo tão expressivo, a afirmação anterior pode parecer contraditória.

As mudanças que acontecem através da troca de tendências, lançadas a cada seis meses, são sutis mudanças no vestir. As grandes diferenças na modelagem são geralmente mais lentas, e em muitas peças praticamente parecem inalteradas ao longo do tempo. O texto *A Força do Hábito* de Ernst Gombrich pode auxiliar no entendimento do porque as formas frequentemente retornam ou permanecem praticamente inalteradas. Segundo o autor, a força do hábito provém de uma necessária noção de ordem ao ser humano. Ela é consequência da procura de continuidade e da oposição à mudança. A força do hábito faz com que se aceite com mais facilidade aquilo que é conhecido (WOODFIELD, 2012).

As continuidades no vestir e, conseqüentemente, no desenvolvimento de modelagens são fenômenos altamente complexos. Relacionam-se com a economia, antropologia, psicologia e sociologia. Em parte, parecem ser mais justificadas pelo campo da percepção do que da inventividade humana. As inovações acontecem de modo lento e gradativo e são incorporadas a peças e aviamentos praticamente permanentes ao longo da existência humana.

## Referências

- BRONOWSKI, J. 1992. *A Escalada do Homem*. São Paulo: Martins Fontes.
- CARDOSO, R. 2012. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify.
- FUKAI, A; TAMAMI, S.; IWAGAMI, M.; KOGA, R.; NIE, R. 2003. *La colección del Instituto de la Indumentaria de Kioto—Moda – Una historia desde el siglo XVIII al siglo XX*. Itália: Taschen.
- KÖHLER, C. 2009. *História do vestuário*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- LAVER, J. 1989. *A Roupas e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PAIM, G. 2000. *A Beleza sob Suspeita – O Ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- PRESSE, F. 22/11/ 2012. Gaultier veste verão inspirado na Grécia. *Folha de São Paulo*, Paris, 26 janeiro 2006. In: *Home: Folha de São Paulo*. <<http://www1.folha.uol.com.br>>.
- TOUSSAINT-SAMAT, M. 1990. *Histoire Technique & Morale du Vêtement*. Paris: Bordas.
- TYLOR, E. B. 1920. *Primitive culture: researches into the development mythology, philosophy, religion, art and custom*. London.
- WOODFIELD, R. (Org.). 2012. *Gombrich essencial: textos selecionados sobre arte e cultura*. Porto Alegre: Bookman.

### **Sobre os autores**

Andressa Schneider Alves, Doutoranda, PGDESIGN/UFRGS, Brasil  
<[andressa.alves@ifsc.edu.br](mailto:andressa.alves@ifsc.edu.br)>

José Luís Farinatti Aymone, Doutor, PGDESIGN/UFRGS, Brasil <[aymone@ufrgs.br](mailto:aymone@ufrgs.br)>